

Precariedade no ciberjornalismo:
o caso dos jornais transmontanos

Precariedade no ciberjornalismo: o caso dos jornais transmontanos

Susana Ferrador

Universidade do Porto
S_ferrador@hotmail.com

Fernando Zamith

Universidade do Porto
fzamith@letras.up.pt

Pedro Jerónimo

Universidade da Beira Interior/LabCom.IFP & CECS
pj@ubi.pt

Resumo:

Há cada vez mais informação a circular em rede. Vivemos numa era global onde tudo parece estar perto e onde as novas tecnologias desempenham um papel de quase omnipresença. Nesta era em que globalização e individualização andam muito próximas, tem crescido o interesse por tudo o que é local, evidenciando-se, como nunca, o ciberjornalismo regional. Os *media* regionais são bastiões de identidade, afinidade e memória das comunidades que lhes são próximas e a sua importância é inquestionável. É precisamente devido a essa importância que nos propusemos olhar para os *media* da região de Trás os Montes, nomeadamente os que estão registados nos distritos de Bragança e Vila Real, apresentando o mapeamento dos jornais regionais e analisando descritivamente, com base na consulta das fichas técnicas dos jornais *online*, o número atual de jornalistas com carteira profissional ou em estágio, que trabalha nas redações transmontanas. As conclusões revelam uma presença muito elevada de colaboradores nas redações dos jornais que não têm carteira profissional e

um número muito diminuto de jornalistas. Numa região com características sociais e demográficas muito específicas que a distinguem do panorama nacional, e onde os critérios editoriais e a forma de fazer jornalismo passa, muitas vezes, por “encomendas” de notícias por parte da população das respectivas vilas ou aldeias onde se inserem estes *media*, os dados apresentados podem reforçar a precariedade e o sedentarismo que se vai vivendo um pouco por todas as redações *online* do país mas, sobretudo, as do interior, que se debatem diariamente com constrangimentos económicos, adversidade que tem consequências diretas na qualidade e credibilidade do que é noticiado.

Palavras-chave:

ciberjornalismo; *media* regionais; ciberjornalismo de proximidade; *media* transmontanos

Abstract:

There is more and more information circulating in a network. We live in a global age where everything seems to be close and where new technologies play a nearly ubiquitous role. In this era in which globalization and individualization are very close, interest in everything that is local has grown, revealing, as never before, regional cyberjournalism. The regional media are bastions of identity, affinity and memory of the communities that are close to them and their importance is unquestionable. It is precisely because of this importance that we set out to look at the media in the region of Trás os Montes, namely those that are registered in the districts of Bragança and Vila Real, presenting the mapping of what currently exists and analyzing descriptively, based on the consultation of the records techniques of online newspapers, the current number of journalists with a professional or trainee portfolio, who works in the Transamerican newsrooms. The findings reveal a very high number of contributors to newsrooms

that do not have a professional license and a very small number of journalists. In a region with very specific social and demographic characteristics that distinguish it from the national panorama, and where the editorial criteria and the form of making journalism often happens by “orders” of news from the population of the respective towns or villages where they are inserted these data can reinforce the precariousness and sedentary lifestyle that is being experienced by all the online newsrooms in the country, but especially those from the interior, which struggle daily with economic constraints, adversity that has a direct effect on quality and credibility of what is reported.

Keywords:

cyberjournalism; regional media; cyberjournalism of proximity; *media* transmontanos

Introdução

Vivemos num contexto de profundas alterações comunicacionais: o jornalismo *online* tem tentado ganhar o seu espaço próprio, demarcando-se do jornalismo tradicional, funcionando como uma espécie de elemento complementar em relação ao seu antecessor. A introdução de mais-valias, nomeadamente a interatividade, o hipertexto e a convergência dos elementos multimédia, levou a uma redefinição de elementos temporais/espaciais, abrindo novos horizontes na profissão. Simultaneamente, e num mundo cada vez mais globalizado, tem-se verificado uma crescente curiosidade pela informação de proximidade como elemento de diferenciação. A proximidade é, de facto, um elemento decisivo na procura de informação, sendo utilizada não apenas na imprensa local e regional, mas também por todos os meios de comunicação, numa tentativa de fidelização das audiências.

Esta crescente e aparente procura por informação de proximidade, numa altura em que prolifera excesso de informação nas redes e o público é mais seletivo, exigente e com interesses renovados, tem gerado a necessidade de criação de conteúdos específicos para o mundo *online*. Esta sequência resultou, assim, na emergência de um novo tipo de jornalismo, o ciberjornalismo, e são agora necessárias novas aptidões para quem produz para a rede, assim como o reforço de mais recursos humanos nas redações.

Tal como afirma Bastos, procura-se “facilidade e qualidade de informação, a par de satisfação na leitura” (Bastos, 2000:53). Nem sempre tarefa fácil. Como preconiza Sônia Padilha (2007), vivemos “um dilúvio informacional”, onde a Internet tem “cooperado intensamente na disseminação do conhecimento universal que vai muito além dos limites social, étnico e político”. É neste contexto que se revaloriza o papel de mediação do jornalista para disponibilizar informação útil e relevante. Sobretudo credível.

Wolton (cit. in López, 2008:13) lembra que “os homens, quanto mais ingressam na globalização, mais querem afirmar as suas raízes”. Torna-se claro que se começa a registar um interesse re- vigorado pela informação de proximidade:

«O local, graças à Internet, supera os limites geográficos e a informação local alcança em estabelecer-se na agenda dos media digitais, superando largamente as fronteiras geográficas para centrar-se em temáticas que, sendo de especial interesse para uma comunidade limitada, são perfeitamente reconhecidas e assumidas como próprias por audiências que transcendem essa comunidade mais próxima.» (López, 2008:83)

Já em 1964, Marshall McLuhan redimensionava o mundo à escala de uma aldeia, onde tudo se sabe e onde todos se conhecem. “Com o digital, o espaço mediático sofre alterações na sua territorialização. O global começa por ser local e o local pode tornar-se global”, sustenta Ângela Duarte (2010). Esta última premissa traduz-se em novas perspetivas para a imprensa regional: “os novos produtos na Internet abrem boas oportunidades para a informação de proximidade” (López, 2008:78). É, por isso, de crucial importância olhar para o regional com outra atenção.

Este estudo é parte integrante de uma tese de doutoramento em curso que está debruçada, no geral, sobre o ciberjornalismo de proximidade e, em particular, na inventariação e análise dos *media online* transmontanos, nomeadamente os que estão sediados nos distritos de Vila Real e Bragança.

No decorrer desse trabalho, através da consulta das fichas técnicas dos jornais transmontanos que têm versão *online*, é possível verificar um número muito diminuto de jornalistas com carteira profissional a trabalhar nas redações. Redações que trabalham em simultâneo a versão papel e a versão *online*.

Face aos problemas que a região do interior enfrenta – com a diminuição do número de pessoas, a emigração, a dificuldade de fixar os jovens nos locais mais afastados do litoral e a população cada vez mais envelhecida –, esta é uma região com características muito específicas, que longe dos grandes centros parece viver num mundo à parte. Não é por acaso que ouvimos frequentemente o velho ditado português: “para lá do Marão mandam os que lá estão”.

No jornalismo os indicadores encontrados também nos remetem para conclusões a refletir: poucos profissionais credenciados

nas redações, os colaboradores sem carteira preenchem as colunas do *online* e os diretores, às vezes os únicos colaboradores do jornal com carteira profissional, acumulam funções comerciais. Indicadores que podem revelar alguma precariedade e sedentarização nas redações e na profissão.

Conceitos e estudos

Ciberjornalismo ou jornalismo *online*? Autores como Helder Bastos (2005), António Granado (2002) ou Pedro Jerónimo (2015) têm uma clara predominância para o termo ciberjornalismo. De acordo com Bastos (2005), ciberjornalismo é o “jornalismo produzido para publicações na web por profissionais destacados para trabalhar, em exclusivo, nessas mesmas publicações”. Flor (2006) tem uma visão semelhante, afirmando que o ciberjornalismo “utiliza o ciberespaço para a produção ou divulgação de conteúdo jornalístico”, acrescentando que os blogues podem ser “exemplos de ciberjornalismo”. Zamith (2011), a partir da visão de Canavilhas, (2001); Salaverría, (2005B); Díaz Noci e Salaverría, (2003); Pavlik, (2001) valida o termo ciberjornalismo como o mais adequado para o jornalismo produzido pelos cibermeios, porque, segundo ele, “depois de algumas hesitações iniciais, é hoje assumido consensualmente que as características distintivas da Internet justificam a existência de um novo tipo de jornalismo” (Zamith, 2011, p. 23). Nesse sentido, Ramón Salaverría (2005b) amplia as considerações sobre o assunto, ao afirmar que o ciberjornalismo, além de uma nova maneira de fazer jornalismo, se constitui em uma nova modalidade profissional, pela capacidade que tem de alterar os três processos básicos da produção da notícia, quer sejam apuração, produção e difusão, por se tratar da especialidade do jornalismo que utiliza o ciberespaço na elaboração e circulação do conteúdo jornalístico.

Conceito abordado, importa ressaltar que este olhar para o regional não é novo. Alguns investigadores, – e aqui vamos apenas citar os portugueses –, têm trazido a debate conclusões muito pertinentes sobre os media regionais que são essenciais para

contextualizar o panorama português. São exemplos a tese de doutoramento de Jerónimo, “Ciberjornalismo de proximidade: a construção de notícias online na imprensa regional em Portugal”, que mostra uma análise aprofundada dentro de 3 redações regionais situadas nos distritos de Leiria, Castelo Branco e Santarém. O autor analisou respetivamente os cibermeios dos semanários *Região de Leiria*, *Reconquista* e *O Mirante* e começou o trabalho por um olhar geral ao país. Das principais conclusões deste estudo, podemos destacar as práticas primitivas associadas ao percurso do ciberjornalismo de proximidade, assentes na transposição de conteúdos do meio tradicional; o facto de as notícias serem o principal conteúdo publicado; a presença da hipertextualidade, multimedialidade e interatividade ser residual ou inexistente; imperar uma cultura de produção para o meio tradicional, os recursos humanos e o tempo serem os principais fatores que determinam as rotinas de produção de notícias *online*. A Internet é cada vez mais usada na imprensa regional, porém, em rotinas relacionadas com a pesquisa e a comunicação. Os jornalistas estão, em parte, cada vez mais fixos à secretária (Jerónimo, 2015:4).

Em 2010, Ângela Duarte corroborava estas conclusões em “Jornalismo de proximidade: o papel informativo da imprensa local”, explorando o conceito de proximidade relacionado com a imprensa local. A autora afirma a importância do local, antes do global, e dá conta do grau de afinidade que se gera entre os títulos da imprensa e os membros de uma comunidade, como se houvesse um lugar de pertença. Muitas vezes, a imprensa local é o único meio que dá visibilidade a determinada causa local, que outro *media* não faria. Nem mesmo um regional.

Patrícia Posse (2011), em “Ciberjornalismo à escala regional: aproveitamento das potencialidades da Internet nos oito jornais com presença online ativa nos distritos de Bragança e Vila Real”, merece-nos atenção especial. A autora tentou perceber qual era o caminho que o ciberjornalismo regional vinha traçando, através da aplicação de uma tabela de medição dos níveis de aproveitamento das potencialidades da rede e da realização de entrevistas

aos jornalistas e responsáveis editoriais de cada órgão de comunicação. Os resultados revelaram um ainda baixo aproveitamento das potencialidades que, na maioria das vezes, se justifica pela escassez de recursos humanos e pela inexistência de um modelo de negócio sustentável (2011:89). A percentagem de aproveitamento médio é de 12.6% no distrito de Bragança e de 10.9% no de Vila Real. Já nos ciberjornais nacionais situa-se nos 23.2% (2011:88). É, assim, evidente que o subaproveitamento das potencialidades é mais acentuado à escala regional.

Antes destas conclusões, também Couto, em 2010, analisou parâmetros parecidos com os que haveria de estudar Posse, mas noutra região do país. A investigadora escreveu uma tese de mestrado com o título “Ciberjornalismo regional: aproveitamento das potencialidades da web dos nove jornais regionais com maior audiência do distrito do Porto” e a conclusão a que chegou é a de que os jornais estudados aproveitavam muito pouco as potencialidades que a Internet oferece. A tabela de mediação utilizada no âmbito da sua tese indicou que o aproveitamento médio das potencialidades da Internet situa-se nos 30,6%. Analisadas detalhadamente cada uma das potencialidades da tabela, verificou-se, surpreendentemente, que a mais débil era a hipertextualidade, considerada por muitos como o expoente máximo da Internet. A propósito destas conclusões, Zamith já indicava em 2007 que havia um subaproveitamento das potencialidades da Internet pelos ciberjornais portugueses.

Conclusões que nos levam a perguntar: terão as redações regionais recursos humanos qualificados e suficientes para fazer face às novas exigências do jornalismo com a entrada em cena da internet? Também o facto de viverem no meio local onde trabalham lhes colocará um sem número de desafios a superar a cada dia. Desafios a que se junta, provavelmente, a escassez de recursos humanos nas redações, resultado da precariedade que se vive na profissão.

Bastos (2009) diz que estes profissionais se ocupam predominantemente de texto, cultivavam pouco fontes próprias, valorizavam a instantaneidade e a credibilização das notícias e passam

pouco tempo em contacto com as audiências. Jerónimo (2015) vai mais longe: o copiar/colar integral dos jornais para a internet é uma das principais tarefas dos jornalistas que trabalham exclusivamente com o *online*, os níveis de interatividade com os leitores/utilizadores são residuais e conclui, novamente, que as potencialidades da internet são pouco exploradas.

Em 2016, num estudo muito recente onde Bastos traçou o perfil destes profissionais em “Os ciberjornalistas portugueses em 2016: uma aproximação a práticas e papéis”, ficamos a saber que os ciberjornalistas atuais são jovens, formados em comunicação e com experiência profissional no jornalismo, têm estabilidade laboral, são sedentários e ocupam-se sobretudo da redação de notícias. Sentem-se pressionados pela instantaneidade e pouco apreciados pelos pares, mas em geral estão satisfeitos com o seu trabalho. Um estudo mais aprofundado da região específica em estudo poderá vir a corroborar estas conclusões ou, pelo contrário, a revelar dados curiosos, consequência das especificidades que apresenta o jornalismo que é produzido em regiões do interior.

Particularidades do ciberjornalismo de proximidade: a região de Trás-os-Montes

Escolas que hoje são apenas memória, aldeias sem ninguém, campos cheios de mato e sem vestígios de presença humana e uma população envelhecida. Nunca como agora as marcas da desertificação humana foram tão nítidas em Trás-os-Montes e Alto Douro. A região continua a perder gente a um ritmo galopante e, de acordo com as últimas estimativas do Instituto Nacional de Estatística⁵⁸, de 2010, não terá mais do que 372 mil habitantes, ou seja, quase metade da população existente em 1960. Os índices de pobreza e isolamento também são elevados. Se observarmos e estivermos atentos ao jornalismo local que é produzido nessa região, encontramos algumas especificidades curiosas: a família carenciada que é motivo de reportagem e de generosidade,

58 - Vide <http://mapas.ine.pt/map.phtml>, acedido a 16 de novembro de 2018

a inauguração da loja de roupa da amiga da filha do jornalista, o diretor do jornal que é interpelado por populares com “dicas” de reportagem; o político ou o padre que, discretamente, comandam as atividades da terra e as notícias seguem a esse reboque, entre outros.

São estes alguns exemplos relatados e vividos, que fazem o dia-a-dia dos jornalistas da imprensa regional. Também eles cidadãos, residentes num determinado território. Homens e mulheres por detrás dos profissionais, que constantemente têm de gerir (des)aproximações. Com chefias, públicos e fontes. Vivências que se fazem dentro e fora das redações e que são muito frequentes na imprensa local.

“O melhor perfil que se pode traçar sobre os jornalistas da imprensa regional é ter em conta as condições em que trabalham e a permanente dificuldade em afirmarem a sua autonomia e a sua liberdade de expressão” (Pascoal, 1996). Mas há mais: uma estrada que vai estar temporariamente condicionada para obras, a junta de freguesia que alterou o seu horário de funcionamento ou o centro de saúde que tem um novo médico ao serviço. Exemplos de acontecimentos com impacto no dia-a-dia das populações. O interesse informativo não será certamente o mesmo para todos mas como todo o acontecimento antes de ser global é local, será às publicações deste último âmbito que os temas interessarão em primeiro lugar. Falamos de pequenas publicações, quer sejam, ou não, os seus conteúdos produzidos por pessoas com formação em jornalismo ou comunicação social, que desempenham a importante missão de disseminarem a informação local, sem a qual as populações ficariam alheadas do que se passa na sua comunidade.

As especificidades do ciberjornalismo de proximidade são várias: em “Realidades e desafios do ciberjornalismo”, López García (2008) diz que o espaço local é um âmbito de experiências compartilhadas, valores culturais compartilhados, entre quem emite e quem recebe, que participa ou não da construção da mensagem, porque o jornalismo local interpreta a realidade pelo prisma dos valores compartilhados. Ao público desta região pouco

importará as habilitações de quem trata e difunde a informação, desde que a informação chegue. Contudo, em nome da qualidade e credibilidade do que é noticiado, importará perceber não quem são – matéria que não cabe neste artigo –, mas quantos são os jornalistas com carteira profissional que trabalham nos *media* de Trás-os-Montes.

Metodologia

Primeiro, para se chegar à nossa amostra concreta, optou-se por mapear⁵⁹ todos os órgãos de comunicação social registados na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, incluindo os que não são digitais. O mapeamento teve em conta os nativos digitais – plataformas de comunicação que nasceram na época da internet e a usam em exclusivo como veículo transmissor de informação –, as *web tv*, rádios e jornais. Deste mapeamento, optou-se por reduzir a amostra apenas para os jornais em suporte papel que têm uma versão *online*, conforme se mostra na tabela geral infra por nos parecer a amostra mais significativa para análise entre toda a recolha efetuada. As barras a amarelo indicam quais são os jornais alvo de estudo neste trabalho. Sete, no total.

Tabela 1 – Jornais (papel + papel e *online*) registados na região de Trás-os-Montes

	Título	Periodicidade	Suporte	Concelho/Distrito	Âmbito geográfico
1	O Arrais	Quinzenal	Papel	Peso da Régua/Vila Real	Regional
2	Comércio de Macedo de Cavaleiros	Mensal	Papel	Macedo de Cavaleiros/Bragança	Regional
3	Correio do Planalto	Anual	Papel	Montalegre/Vila Real	Regional
4	Eco de Boticas	Mensal	Papel	Boticas/Vila Real	Regional
5	Jornal do Nordeste	Semanal	Papel/Online	Bragança	Regional

59 - Levantamento efetuado junto da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) com dados atualizados a 1 de junho de 2018.

6	Jornal Os Mirandelenses	Mensal	Papel	Mirandela/Bragança	Regional
7	O Mensageiro de Bragança	Semanal	Papel/Online	Bragança	Regional
8	Motricidade	Trimestral	Papel/Online	Vila Real	Nacional ⁶⁰
9	Mulheres como Maria Helena	Trimestral	Papel	Chaves/Vila Real	Nacional
10	Negócios de Valpaços	Mensal	Papel	Valpaços/Vila Real	Regional
11	Notícias de Aguiar	Quadrimestral	Papel	Vila Pouca de Aguiar/Vila Real	Regional
12	Notícias do Barroso	Quinzenal	Papel	Montalegre/Vila Real	Regional
13	Notícias de Mirandela	Quinzenal	Papel	Mirandela/Bragança	Regional
14	Notícias de Vila Real	Quinzenal	Papel/Online	Vila Real	Regional
15	Notícias do Douro	Semanal	Papel/Online	Peso da Régua/Vila Real	Regional
16	O Pombal	Mensal	Papel	Carrazeda de Ansiães/Bragança	Regional
17	Povo de Barroso	Mensal	Papel	Montalegre/Vila Real	Regional
18	Raízes	Mensal	Papel/Online	Mirandela/Bragança	Regional
19	Voz de Chaves	Semanal	Papel/Online	Chaves/Vila Real	Regional
20	Voz de Trás-os-Montes	Semanal	Papel/Online	Vila Real	Regional
21	Voz do Heitorzinho	Mensal	Papel	Peso da Régua/Vila Real	Nacional

Fonte: Elaboração própria

De seguida, para estes sete jornais foram consultados no mesmo dia e à mesma hora, 18 de novembro de 2018, às 21h, as suas respetivas páginas *web* com particular atenção para as fichas técnicas apresentadas por cada *media*. Da observação direta às sete fichas técnicas foi possível observar o número de pessoas que compõe a redação do jornal, as suas funções e a sua categoria profissional.

60 - Embora este dado seja residual, de acordo com a tabela que se apresenta, o presente trabalho analisa apenas a imprensa de âmbito regional com sede em Trás-os-Montes. O dado indicado serve apenas para completar o mapeamento geral.

Interessou-nos analisar quantitativamente o número de jornalistas com carteira profissional. Para isso, contabilizou-se isoladamente quantos são os colaboradores do jornal com carteira profissional, com carteira de equiparado, com carteira de estagiário e/ou sem carteira. Não estão incluídos nestes critérios os administrativos e/ou secretários do jornal porque se supõe que, à partida, e aparecendo claramente na ficha técnica a sua categoria profissional, na escrevam conteúdos para o online.

Admitindo que a metodologia utilizada neste trabalho nos forneceu indicadores rápidos sobre a constituição das redações transmontanas, uma investigação posterior deverá contemplar uma recolha de dados mais profunda, sobretudo se a complementarmos com a observação direta nas redações tal como é nossa pretensão.

Resultados

Os resultados da análise quantitativa, conforme gráfico que se mostra a jusante, põem a nu alguns dados curiosos: o número de jornalistas com carteira profissional é muito diminuto. As redações dos jornais transmontanos em estudo estão vazias de profissionais credenciados. Tendo em conta que a redação que produz os conteúdos para a versão papel é a mesma que trabalha a versão *online*, há uma clara escassez já nem só de profissionais com título profissional, mas de recursos humanos. Parecem-nos manifestamente insuficientes os recursos humanos que trabalham nas redações. Se tivermos em conta que o *online* exige atualizações constantes, é notório que estes profissionais trabalham perante vários constrangimentos diários, nomeadamente de tempo.



Fonte: Elaboração própria

É residual o número de estagiários identificados, o que nos pode colocar na mira a ideia de estarmos perante redações vazias mas também envelhecidas.

O grande núcleo duro que produz conteúdo para o *online* não tem título profissional. Basta uma leitura atenta das fichas técnicas e uma comparação com os nomes que aparecem na assinatura dos conteúdos, para percebermos que o *online* é composto maioritariamente por conteúdos de pessoas externas ao jornal, cidadãos de relevância social, política e/ou profissional, convidados por determinado *media*. Aqui, é importante lembrar que, pese embora os colaboradores possam ter título de colaborador, de acordo com as regras estipuladas pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, não há referência a este título junto a nenhum nome externo. Em alguns casos o que salta à vista é o título com que o jornal se refere ao colaborador: engenheiro, pároco, professor, doutor.

Há apenas 12 jornalistas com carteira profissional nos 7 jornais em estudo. A estes 12 profissionais juntam-se 2 com carteira de equiparado.

Os jornais *Notícias do Douro* e o *Raízes* funcionam sem qualquer jornalista, Apenas o jornal *A Voz de Trás-os-Montes* trabalha, na totalidade, com jornalistas credenciados.

Na *Voz de Chaves* há um estagiário para 3 jornalistas e no *Notícias de Vila Real* os colaboradores ultrapassam os jornalistas.

No cômputo geral, a análise aos números apresentados mostra-nos que ainda prevalece nas redações a ideia de que qualquer pessoa pode escrever notícias. O número de jornalistas com carteira e dos colaboradores sem título profissional é de 12 para 11. A média de jornalistas credenciados nos 7 jornais em estudo não chega a 2% por cada redação, panorama revelador da precariedade que se vive no jornalismo transmontano.

Estes números podem e devem servir como mote para uma análise mais profunda, noutro estudo, relativa à qualidade das notícias produzidas nos jornais *online* de Trás-os-Montes.

Considerações finais

Tendo em conta que só é jornalista quem tem título profissional, de acordo com o estatuído no artigo 4.º do estatuto do jornalista⁶¹ que diz, no seu ponto 1, que “é condição do exercício da profissão de jornalista a habilitação com o respetivo título, o qual é emitido e renovado pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, nos termos da lei”, complementado com o ponto 2 – “nenhuma empresa com atividade no domínio da comunicação social pode admitir ou manter ao seu serviço, como jornalista profissional, indivíduo que não se mostre habilitado, nos termos do número anterior, salvo se tiver requerido o título de habilitação e se encontrar a aguardar decisão” –, então, de acordo com os dados mostrados nas fichas técnicas analisadas e disponibilizadas pelos jornais, metade do jornalismo que é praticado nos jornais transmontanos, e de acordo com os dados que se apresentaram, viola as regras e é produzido por cidadãos sem habilitação própria para o efeito e sem deveres de informar com

61 - Lei n.º 1/99 de 13 de Janeiro (texto consolidado, de acordo com a alteração introduzida pela Lei n.º 64/2007, de 6 de Novembro e Declaração de Retificação n.º 114/2007). Disponível para consulta em <https://www.ccpj.pt/media/1042/estatuto-do-jornalista.pdf>. Consultado a 18 de novembro de 2018.

rigor e isenção, com imparcialidade e respeito pelos valores éticos intrínsecos à profissão.

Referências

- BASTOS, H. (2000). *Jornalismo Eletrónico. Internet e Reconfigurações de Práticas nas Redações*. Coimbra. Minerva
- BASTOS, Helder (2005). “Ciberjornalismo e Narrativa Hiper-média. Prisma.com” – *Revista de Ciências da Informação e da Comunicação* do CETAC.
- BASTOS, H. (2009). “Da implementação à estagnação: os primeiros doze anos de ciberjornalismo em Portugal”. In Actas do 6.º Congresso da SOPCOM, Lisboa, 14-28 de Abril de 2009.
- BASTOS, H. (2016) “Os ciberjornalistas portugueses em 2016: uma aproximação a práticas e papéis”. Disponível em https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=190164&pi_pub_r1_id=. Consultado em 1 de junho de 2018
- COUTO, P. (2010) *Ciberjornalismo regional: Aproveitamento das potencialidades da Web dos nove jornais regionais com maior audiência do distrito do Porto*. Universidade do Porto. Tese de mestrado.
- DÍAZ NOCI, J., & Salaverría, R. (2003) (coord.) *Manual de Redacción Ciberperiodística*, Barcelona: Ariel Comunicación
- DUARTE, Ângela (2010). *Jornalismo de Proximidade – O papel informativo da imprensa local*. Universidade Nova de Lisboa. Tese de Mestrado. Disponível em <https://localmediapt.files.wordpress.com/2010/11/duarte2010-jornalismo-proximidade.pdf>. Consultado a 20 de novembro de 2018
- FLOR, Gisele (2006). “Continuidades e rupturas no webjornalismo regional”. UNESCO – Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil, pp. 9-11, outubro 2006
- GRANADO, A. (2002) “Os media portugueses na Internet”, Disponível em <http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm>. Consultado em 3 de junho de 2018
- JERÓNIMO, Pedro. (2015). *Ciberjornalismo de proximidade: Redações, jornalistas e notícias online*. Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- LÓPEZ, G. (2008). *Ciberperiodismo en la proximidad*. Sevilla: Comunicación Social
- PADILHA, Sônia (2007). “A Contribuição do Webjornalismo na Construção da Sociedade do Conhecimento”. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/boccpadilha-webjornalismo.pdf>. Consultado em 4 de junho de 2018
- PAVLIK, J. V. (2001) *Journalism and New Media*, New York: Columbia University Press
- POSSE, Patrícia (2011) *Ciberjornalismo à escala regional: aproveitamento das potencialidades da internet nos oito jornais com presença online ativa nos distritos de Bragança e Vila Real*. Universidade do Porto. Tese de mestrado.
- SALAVERRÍA, Ramón. (2005b) *Redacción periodística en Internet*. Pamplona: EUNSA.
- ZAMITH, Fernando (2007). “O subaproveitamento das potencialidades da Internet pelos ciberjornais portugueses”. URL Disponível em: http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n4_junho_de_2007/o_subaproveitamento_das_potenc.html. Consultado em 5 de maio de 2018
- ZAMITH, F. (2011) *A Contextualização no Ciberjornalismo*. Tese de doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto